



PERSPECTIVA DE MULHERES DE MEIA IDADE A RESPEITO DE SETE REGRAS PARA NÃO ERRAR¹

Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol
Noemi Boer

Linha 3 – Life Long Learning: a formação contínua do adulto criativo

Resumo: Neste artigo tem-se por objetivo apresentar a compressão de quatro mulheres de meia idade, 49 a 61 anos, a respeito das sete regras para não errar, indicadas por Meneghetti (2013). As participantes, profissionais em contínua busca de aprender, em 2019, concluíram o curso de Bacharelado em Ontopsicologia, na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), situada em Restinga Seca, ao sul do Brasil. Para a coleta de dados foi utilizado um quadro demonstrativo das sete regras, em que, para cada regra, as participantes deveriam descrever duas situações: (1) antes de ser aluna do curso de Bacharelado; (2) situação atual, como concluinte do curso. Para análise das informações, utilizou-se a técnica denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefèvre e Lefèvre (2012), são identificadas as ideias centrais e/ou ancoragens. Essas ideias centrais foram analisadas a partir dos pressupostos teóricos da Ontopsicologia de Meneghetti (1936-2013). Os resultados apontam que as entrevistadas demonstram vontade de continuar em progresso, assumindo autonomia e responsabilidade em primeira pessoa. Compreendem a importância do não postergar ações e buscam somente o próprio mérito. As entrevistadas demonstraram que as mudanças de atitudes ocorridas no que tange às sete regras denotam um aprendizado sobre si e uma maior compreensão sobre o seu modo de proceder na existência, tomando consciência daquilo que é útil e funcional a seu projeto de ordem natural ou identidade de natureza. Após percorridos os estudos e realizadas intervenções com instrumentos próprios do método Ontopsicológico durante a graduação, indicaram que se entendem melhor e que apreenderam a se responsabilizar por si.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Discurso coletivo; Estudo de gênero.

1. Introdução

O presente relato tem como escopo compreender se existem mudanças nas atitudes das mulheres pesquisadas quanto às sete regras para não errar. Para isso, efetivou-se um estudo relativo à mulher de meia idade, temática bastante explorada em pesquisas acadêmicas e também, em textos literários. No entanto, a ênfase dessa proposta está voltada às mulheres que estão em busca de aprimorar ou atualizar seu projeto de natureza. Mulheres que, após um percurso de vida pessoal, acadêmico e profissional, fazem a opção de frequentar um novo curso superior, Bacharelado em Ontopsicologia.

No princípio, enquanto ordem de vida pertence-se a uma mesma espécie - humana. Portanto, homens e mulheres possuem uma mesma inteligência, palavra que provém do Latim. *Intus legere actionem* que significa “ler dentro da ação, compreender dentro”. “Faculdade exclusivamente psíquica e, portanto, espiritual para compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou

¹ Texto elaborado a partir do Trabalho de Conclusão do Bacharelado em Ontopsicologia, defendido pela primeira autora na Faculdade Antonio Meneghetti - AMF, Restinga Sêca- RS.

do fato” (MENEGETTI, 2012, p. 139). No entanto, acontece-se na vida como fenômeno histórico, em um corpo com características biológicas femininas ou masculinas que serão vivenciadas por diferentes gêneros no contexto socioambiental.

No decorrer da história da civilização ocidental, o papel da mulher passou por diferentes transformações. Aquilo que a mulher vive hoje é reflexo das construções produzidas ao longo do tempo: a tradicional divisão dos papéis, “em que geralmente o homem se envolvia com o trabalho remunerado, enquanto a mulher dedicava-se aos afazeres da vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos” (FLECK; WAGNER 2003, p. 31).

Um dos papéis assumidos pelas mulheres, no decorrer da história, porta-lhe a incumbência da educação dos filhos e cuidados domésticos como atividades pertencentes exclusivamente a elas. Esse fato vem se modificando ao longo dos anos. Apesar das dificuldades em assumir cargos de maior prestígio, as mulheres buscam novos espaços de atuação profissional com incremento na sua formação e no preparo acadêmico, garantindo assim, melhorias nas demandas do mercado de trabalho.

Ao longo do tempo, o mundo formal do trabalho foi visto como um espaço masculino, no entanto, com maior ênfase, nas últimas décadas, esse espaço é assumido também, pelas mulheres. O desejo de aproveitar suas possibilidades e desenvolver uma carreira, as mudanças na economia mundial, o fenômeno da globalização, a crescente oferta de consumo trazem como consequência a busca de aumento da renda familiar e favorecem a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Nesse contexto, a mulher assume cada vez mais seu espaço no mundo público do trabalho remunerado – mercado formal de trabalho quer seja como empregada, profissional liberal, quer seja como empresária.

Jonathan, (2005), em estudo realizado com empreendedoras analisa o bem-estar subjetivo e a qualidade de vida das empreendedoras, seus ganhos e custos psicológico vivenciados à luz da multiplicidade de papéis que desempenham. O estudo demonstra que as mulheres pesquisadas apresentam comprometimento com suas empresas, e apresentam como características, a determinação e a autoconfiança. “Orgulhosas de suas realizações, as empreendedoras se sentem vitoriosas, ora pelo reconhecimento pessoal de que são alvo, ora pelo sucesso alcançado na afirmação de seus múltiplos papéis” (JONATHAN, 2005, p. 380).

É pela ação e trabalho que o homem constrói sua história. Para Meneghetti (2004a, p. 230). “É o homem que faz o trabalho, que qualifica o trabalho.” Portanto, o trabalho é o útero permanente onde o sujeito administra a própria possibilidade, isto é, sua virtualidade para realizar aquilo do qual é dotado desde o nascimento. Desse modo, realiza sua identificação como pessoa. Homem é entendido aqui como espécie humana. Etimologicamente, o termo homem é proveniente do Latim. “*Homo* de *húmus* = terra, terrestre. Ainda do latim *Esse in humo* = o ente localizado e feito *no* e *do* planeta Terra” (MENEGETTI, 2012, p. 128). Desse modo, é pelo trabalho e atividade que a mulher conquista o seu espaço – que lhe fora tomado ao longo dos anos e que a separa do mundo dito “masculino” – trabalho formal. Contudo, esse espaço lhe garante a liberdade de ser sujeito na história independente de que “roupa usa”, ou seja, o

estereótipo de gênero estabelecido no social.

“O trabalho, mais do que qualquer outra atividade, tem sido o grande instrumento das mulheres para marcar sua presença nas sociedades de todas as épocas, funcionando como uma ponte até o homem e a cultura, mesmo quando a atividade exercida por elas é pouco valorizada social e financeiramente” (PREHN, 2004, p. 53). A autora constata que no momento de escolher uma atividade ou um produto para montar o próprio negócio, as mulheres buscam refúgio em atividades consideradas femininas. Esse aspecto reforça a grande influência trazida dos espaços doméstico. “E lá estavam elas às voltas com alimentos, tecidos e crianças, aquilo que aprenderam a fazer observando as mães, tias e irmãs mais velhas” (PREHN 2004, p. 67). Essas escolhas que, no decorrer da história foram reconstruídas e redirecionadas, hoje, permitem à mulher atuar em diferentes frentes de trabalho, nos mais diversos setores.

No entanto, é no grupo social que o humano aprende os valores que são perpassados pelo meio cultural e social no qual está inserido. Para Jonathan: “Os valores acham-se entranhados na cultura e sua assimilação é lenta, constante e profunda, de tal modo que transformações drásticas levam muito tempo para se efetivarem” (JONATHAN, 2005, p. 239).

Com a participação, cada vez mais abundante da mulher no mercado formal de trabalho, tem-se a necessidade de compreender os diferentes aspectos que envolvem o fenômeno aqui descrito. Cada mulher vive dentro de si um universo distinto que pode oscilar, por várias vezes, no decorrer do dia ou em questão de segundos. Ora é mãe, ora esposa, filha, avó, amante, empregadora, empregada, empresária ou santa. E, em cada um desses papéis é exigida na sua melhor *performance*. Pode-se questionar, então, como relativizar cada um desses atributos, colocando em primeiro plano, a sua verdadeira vocação? Personificando-se naquilo que para ela representa sua verdadeira força? Sem se sentir culpada ou não merecedora de respeito da sociedade por não priorizar todos os atributos que lhe foram designados ou impostos e que ela aceitou, carregando-os como se fossem seus.

Antonio Meneghetti (1936-2013), após anos de ser pesquisa sobre o humano apresenta o conhecimento que dá o critério elementar da vida. A escola Ontopsicológica com as suas descobertas própria Campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão, tem no seu escopo “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização.” (MENEGETTI, 2010, p. 134). Este escopo é possível de ser atingido com a utilização do método bilógico²: “processo racional indutivo-dedutivo, com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão.” (MENEGETTI, 2010, p. 131). É a ciência que tem como visão “o homem, protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser.” (p. 130). Este conhecimento é ensinado e vivenciado no Bacharelado em Ontopsicologia através dos instrumentos de análise e de intervenção nas suas distintas áreas de aplicação e intervenção humanística-profissionais. A demonstração do conhecimento aplica-

² O termo bilógico assume dois significados: a) método indutivo-dedutivo; b) Lógica “científica” e lógica “paranormal” (MENEGETTI, 2010, pp. 132-133).

do se dá pelos resultados obtidos na práxis existencial “sanidade funcional e realização” (p. 137).

O formalizado da ciência Ontopsicológica, Meneghetti (2013), em seus escritos sobre feminilidade como sexo, poder graça, descreve sete regras para não errar, as quais serão detalhadas na apresentação dos resultados e discussão.

Assim, a partir das considerações iniciais configurou-se o seguinte problema de pesquisa: qual a compreensão das nas mulheres de meia idade que optaram por se aprofundar no conhecimento ontopsicológico quanto às sete regras para não errar?

Para responder ao problema de pesquisa identificado, tem-se como o objetivo geral destacar a compreensão de mulheres de meia idade, alunas do último período (sexto módulo), do curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti, quanto às sete regras para não errar definidas por Meneghetti (2013).

2. Desenvolvimento e aspectos metodológicos

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza biográfica. A abordagem qualitativa de pesquisa consiste em um conjunto de práticas interpretativas de conteúdos e materiais que tornam o mundo visível, fazendo dele uma série de representações (FLICK, 2009). As análises e discussões do estudo fundamentam-se nos pressupostos teóricos da Ontopsicologia de Meneghetti.

As participantes do estudo foram (quatro) 4 mulheres com idade entre 49 a 61 anos, todas mães biológicas e acadêmicas da segunda graduação, que em 2019, concluíram o curso de Bacharelado em Ontopsicologia, na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), situada no município de Restinga Seca, ao sul do Brasil. Três são empresárias de diferentes setores e uma, docente do Ensino Superior. A amostra foi selecionada por critério de conveniência e de acessibilidade da pesquisadora.

Para a coleta de dados foi utilizada um quadro (apêndice 1), elaborado pela pesquisadora e relativo às 7 (sete) regras para não errar, descritas por Meneghetti (2013). No quadro, as participantes descreveram seu modo de agir antes de iniciar o curso do Bacharelado em Ontopsicologia e seu modo de agir atual, frente a cada regra. As participantes preencheram o quadro das sete regras para não errar, que compreende duas situações: (1) antes de ser aluna do curso de Bacharelado em Ontopsicologia (até 2014); (2), como concluintes do curso.

Quanto aos procedimentos para coleta de dados, após o contato inicial de aceite em participar da pesquisa, foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), de acordo com as normas da Resolução CNS/MS 510/2016.

Para análise das informações coletadas, optou-se pela técnica denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefèvre e Lefèvre (2003, 2012), formulada a partir do conceito de Representações Sociais, cujo objetivo é analisar respostas discursivas. A metodologia do DSC consiste na soma dos discursos obtidos individualmente e definida como Discurso do Sujeito Coletivo, que é o discurso síntese, feito na primeira pessoa do singular (LEFÈVRE;

LEFÈVRE, 2003, 2012). O processo de organização dos discursos perpassa pela análise preliminar dos relatos dos sujeitos para selecionar as **ideias centrais** e/ou ancoragens e as expressões-chaves, chamadas de figuras metodológicas. Assim, a partir dos depoimentos individuais são extraídas uma ou mais expressões-chaves que, posteriormente, são agrupadas de acordo com elementos comuns, formando um discurso-síntese ou DSC. Essas ideias centrais foram analisadas a partir dos pressupostos teóricos da Ontopsicologia de Meneghetti (1936 - 2013).

3. Resultados e discussões

Os resultados são apresentados por meio das análises relativas aos quatro *Cases* pesquisados e as ponderações identificadas nas falas das entrevistadas, com base no paradigma Ontopsicológico estão descritos em Spanhol (2019). Assim, os resultados ora apresentados são relativos, às sete regras para não errar.

Apresentação e análise das sete regras para não errar

O percurso de abertura a que as pesquisadas se propuseram para atualizar o seu projeto de natureza, permitiu a cada uma, a novidade para suas vidas. Esse fato indica que estão começando a superar a ambivalência feminina (MENEGHETTI, 2013,) para se centrar no egoísmo vital. Esse ponto pode ser melhor percebido no quadro das sete regras para não errar. No qual apresentamos uma síntese das informações das pesquisadas colhidas no discurso do sujeito coletivo.

A apresentação e a síntese das informações complementares à pesquisa biográfica encontram-se dispostas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Demonstrativo das sete regras e os seus desdobramentos

SETE REGRAS			
Antes de ser aluna do curso (até 2014)	Hoje concluinte do Bacharelado em Ontopsicologia	Discurso coletivo	
1ª Tudo depende de mim. Significa que tudo depende de mim tanto externamente como no mundo psicológico. (faz ajustes externos sem se corromper dentro)			
P1	<i>Sentia um peso, achando que tudo dependia de mim, trabalho, casamento, filho, família. Achava que tinha que ajudar todos.</i>	<i>Ganhou um outro significado: minha vida deve ser bem vivida, com escolhas úteis e funcionais... Isso tudo depende de mim.</i>	A responsabilidade atual passou a ser em primeira pessoa.
P2	<i>É um exercício trabalhoso fazer ajustes externos sem compreender dentro, nem sempre acerto/acertei.</i>	<i>O grau de exigência é bem maior. E a certeza que tudo depende de mim também é maior.</i>	
P3	<i>Ainda me irritava dentro, antes de resolver.</i>	<i>Retorno situação e usando melhor os estereótipos</i>	
P4	<i>Não tinha essa percepção</i>	<i>Agora estou consciente que dentro e fora devem estar em nexos.</i>	
2ª Tudo devo fazer sozinha			
P1	<i>Entendia que não conseguia fazer sozinha.</i>	<i>É necessário a maior autonomia possível, se necessário cercar-se de pessoas funcionais.</i>	Assumem com mais autonomia a responsabilidade e os riscos.
P2	<i>Buscava muito a opinião dos outros o que me paralisava em algumas situações.</i>	<i>Faço e pago o preço caso eu erre.</i>	
P3	<i>Há muito sigo desta forma.</i>	<i>Continua assim.</i>	
P4	<i>Esperava que alguém fizesse para mim.</i>	<i>Sei que a responsabilidade é minha</i>	
3ª Não postergar			
P1	<i>As vezes postergava, outras não, dependendo se estava com disposição ou não.</i>	<i>Vejo a importância de não postergar: aqui e agora fazer o que tem que ser feito.</i>	Compreensão da importância em não postergar.
P2	<i>Pensava demais, deixando para trás algumas coisas.</i>	<i>Ainda penso, mas estou mais na ação.</i>	
P3	<i>Já tinha este hábito.</i>	<i>Mantenho.</i>	
P4	<i>Postergava.</i>	<i>Compreendi por que postergava.</i>	
4ª Não transferir aos outros o meu problema			
P1	<i>Muitas vezes fiz e bem percebi.</i>	<i>Todos os meus problemas foram causados por mim e devem ser resolvidos por mim.</i>	Assumem os próprios problemas e só buscam ajuda em último caso.
P2	<i>Não lembro quando fiz isso. Carregava os problemas voluntariamente.</i>	<i>Continuo não fazendo mas estou aprendendo a pedir ajuda.</i>	
P3	<i>Demorava a reconhecer</i>	<i>Busco ajuda em último caso.</i>	
P4	<i>Costumava culpar os outros.</i>	<i>Sou eu que tenho que resolver.</i>	
5ª Não roubar (buscar somente aquilo que é fruto do próprio mérito sem utilizar-se de estratégias infantis e simpatias)			
P1	<i>Algumas vezes me utilizei de simpatias e tive muitas atitudes infantis.</i>	<i>Estratégias técnicas, com coerência são necessários para alcançar resultados estabelecidos.</i>	Visualizam suas atitudes e passaram a buscar seu próprio mérito.
P2	<i>Sempre foi um exercício de não me apossar daquilo que não era meu.</i>	<i>Hoje enxergo alguns gestos infantis que utilizei. Vejo também que o meu problema é de dar mérito aos outros.</i>	
P3	<i>Sempre fui mais de doar e ceder.</i>	<i>Cuido-me mais para não ser roubada.</i>	
P4	<i>Nesse ponto, sempre busquei o próprio mérito.</i>	<i>Busco meu próprio mérito.</i>	
6ª Ser honesta consigo mesma (sabe seu valor e o quanto pode ou não fazer. Tem coragem de renunciar quando não está à altura da tarefa e tem coragem de ser humilde, com disposição para aprender)			
P1	<i>Fazia muita confusão. Brigava muito comigo mesma. Tive medo de enfrentar certas tarefas.</i>	<i>Sou a mais honesta que consigo ser; procuro valorizar minha capacidade, minha experiência e meu valor. Não sinto medo, com humildade reconheço meus limites.</i>	Aprendizado da valorização e do respeito próprio.
P2	<i>Existia uma falta de humildade comigo mesma, assim acabava me quebrando, algumas vezes, por não saber dizer não.</i>	<i>Entrei no curso com um propósito: vou aprender; não ter vergonha de perguntar; dizer que não entendi, aprende a me expor sem medo.</i>	
P3	<i>Em menor medida. Aceitava provocações e desafios alheios, sem ganho pessoal.</i>	<i>Hoje me respeito mais e procuro fazer com calma o que me serve.</i>	
P4	<i>Sempre procurei estar consciente disso.</i>	<i>Continuo consciente do que posso ou não fazer</i>	

7ª Se peço, devo saber exatamente o que estou pedindo (tem coerência com aquilo que pede e o que quer)			
P1	<i>Não tinha essa coerência com o que pedia e nem bem sabia o que queria.</i>	<i>As situações são bem mais claras. Sei o que peço e o porquê. Sou coerente nas atitudes e no que peço.</i>	Maior coerência nas atitudes. Uma questão a ser vigiada.
P2	<i>A coisa mais difícil: ter consciência entre saber e o que quer e pedir de acordo. Tinha dificuldade.</i>	<i>Ainda tenho esta dificuldade falta de um novo projeto.</i>	
P3	<i>Nem sabia pedir.</i>	<i>Melhorei meu entendimento e linguagem</i>	
P4	<i>Nem sempre me fazia entender.</i>	<i>Agora estou mais cuidadosa.</i>	

Fonte: (SPANHOL, 2019).

Conforme discurso coletivo relativo às sete regras para não errar, apresentado a cima, percebe-se a evolução das pesquisadas com relação às sete regras propostas por Meneghetti, (2013). No que tange à primeira regra em que “tudo depende de mim”, isso significa que tudo depende de mim, tanto externamente quanto no mundo psicológico. É preciso fazer ajustes externos sem se corromper dentro. Nesta regra, identifica-se o discurso coletivo das pesquisadas como: “a responsabilidade atual passou a ser em primeira pessoa”. Nesse aspecto, é possível perceber que as pesquisadas passaram da posição de “vítimas” em que percebiam a vida como um exercício trabalhoso, pesado e irritante, para ter um outro significado, com maior consciência sobre a certeza de que tudo dependia delas e com uma exigência também maior.

Na segunda regra, o que era visto como necessidade de ajuda ou opinião para realizar algo ou ainda, na espera de que alguém fizesse por elas, tomou outra direção. Do discurso coletivo caracteriza-se como: “assumir com mais autonomia a responsabilidade e os riscos”.

O pensar demais e deixar algumas coisas para trás, e ainda o estar ou não com disposição, é definido como postergar, pelas pesquisadas, porém com uma compreensão mais ampla sobre a importância de “não postergar” o que se refere à terceira regra.

A quarta regra trata de “não transferir aos outros os próprios problemas”. As pesquisadas demonstram que costumavam culpar os outros, demoravam a reconhecer, carregavam os problemas voluntariamente, mas com uma maior compreensão de si mesmas, admitem no discurso coletivo de que atualmente, assumem os próprios problemas e só buscam ajuda em último caso.

Na quinta regra que se fundamenta no “não roubar” ou seja, buscar somente aquilo que é fruto do próprio mérito sem se utilizar de estratégias infantis e simpatias. Observa-se como ponto em comum entre as pesquisadas, no presente, o fato de que visualizam suas atitudes e buscam seu próprio mérito.

“Ser honesta consigo mesma” diz respeito à sexta regra e requer saber seu valor e o quanto pode ou não fazer, ter coragem de renunciar quando não está à altura da tarefa e ter coragem de ser humilde, com disposição para aprender. Nessa regra as pesquisadas manifestam que faziam confusão, aceitavam provocações sem ganho pessoal, apresentavam falta de humildade e causavam dificuldades para si. No presente procuram valorizar a sua capacidade, respeitando-se, o que se define no discurso coletivo como: aprendizado da valorização e do respeito próprio.

Como sétima regra, Meneghetti apresenta (2013, p.326), que “*se peço, devo saber exatamente o que estou pedindo*”, (ter coerência com aquilo que pede e o que quer). Observou-se que as

mulheres pesquisadas, em um primeiro momento, apresentavam os seguintes argumentos:

P1 - *Não tinha essa coerência com o que pedia e nem bem sabia o que queria.*

P2 - *A coisa mais difícil: ter consciência entre saber e o que quer e pedir de acordo. Tinha dificuldade.*

P3 - *Nem sabia pedir.*

P4- *Nem sempre me fazia entender.*

Essa sétima regra tem um novo significado para as pesquisadas na fase de conclusão do curso que realizam, manifestado no discurso coletivo como: uma maior coerência nas atitudes e uma questão a ser vigiada.

Segundo o precursor da Ontopsicologia, essas sete regras são pontos simples a observar. O autor aponta que também para o líder, os pontos são sete, porém, “Esses são ‘pontos-sombra’, os pontos da responsabilidade, não são os da criatividade, mas recordá-los é o melhor serviço à identidade daquela ‘imaculada concepção’”. (MENEGETTI, 2013, p. 326).

As mudanças de atitudes ocorridas com as pesquisadas no que tange às sete regras denotam um aprendizado sobre si e uma maior compreensão sobre o seu modo de proceder na existência, tomando consciência daquilo que é útil e funcional a seu projeto de ordem natural ou identidade de natureza. Esse assunto, para Vidor (2014, p.71), é especificado como “A identidade de um ser humano não se dá pelo reconhecimento significativo de seus comportamentos aprovados pelo contexto, mas é dado na origem da vida como projeto a ser descoberto e construído.”

Os resultados encontrados na pesquisa e as análises apresentadas, apontam que as pesquisadas se desenvolvem como mulher-pessoa ou mulher-líder. Isso significa que “é capaz de paixão metafísica” (MENEGETTI, 2004b, p. 267) a qual permite a lógica de ação histórica, ordenada e coincidente entre o Eu lógico-histórico e o Em Si ôntico.

Portanto, uma mulher não pode esperar ser amada pelos outros se primeiro não encontrar o modo de amar a si mesma. O autor argumenta que “A solução está no modo como ela ama a si mesma, porque daquele amar a si mesma aprende a regra de como amar os outros. ‘Ama o próximo como a ti mesmo’.” (MENEGETTI, 2013, p. 329), pois é do construir a si que constrói as passagens para o bem comum do ecossistema no qual vive.

4. Considerações finais

As participantes da presente pesquisa têm suas singularidades e vivências no decorrer das suas histórias enquanto pessoas e profissionais. No entanto, é evidente que todas estão em busca de uma novidade e dispostas a procurar novos caminhos para acessar o melhor de si, que abre a possibilidade de evoluir, se tornar pessoa e realizar a vida com prazer e satisfação.

Com as análises constatou-se que:

a) As participantes dessa pesquisa exprimem, no fato de buscarem nessa fase de suas vidas uma segunda graduação, a vontade de continuar em progresso contínuo, com novos investimentos de primado pessoal que se complementam no contexto social, uma vez que a responsabilidade atual passou a ser em primeira pessoa;

- b) é possível constatar que, ao tomarem consciência de que para realizar-se podiam esperar que fizessem por elas e passam assumir com mais autonomia a responsabilidade e os riscos;
- c) possuem uma compreensão mais ampla sobre a importância de não postergar;
- d) com uma maior compreensão de si mesmas, admitem que atualmente, assumem os próprios problemas e só buscam ajuda em último caso;
- e) no presente, buscam somente aquilo que é fruto do próprio mérito;
- f) procuram valorizar a sua capacidade, respeitando-se, o que se define no discurso coletivo como: aprendizado da valorização e do respeito próprio, ou seja, ser honesta consigo mesma;
- g) em relação a ter coerência com aquilo que pede e o que quer “*se peço, devo saber exatamente o que estou pedindo*”, as pesquisadas apresentam uma maior coerência nas atitudes e uma questão a ser vigiada.

Compreender as sete regras para não errar e despertar para o crescimento não é uma tarefa fácil. As mulheres pesquisadas, após um percurso de estudos que aborda o conhecimento do método ontopsicológico, que possibilita se rever e se confrontar se estão na estrada que é verdadeiramente sua, demonstram estarem mais conscientes das possibilidades e das suas limitações. Assim, depois de percorridos os estudos e realizadas intervenções com instrumentos próprios do método Ontopsicológico, indicam que estão mais atentas para evitar os erros, assumindo os méritos e a se responsabilizar por si.

5. Referências bibliográficas

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**. v. 8, n. especial. pp. 31-38, 2003.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**. v. 10, n. 3, pp.373-382, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa** (desdobramentos). Caxias do Sul, RS: EDUSC, 2003.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa e representação social um enfoque qualitativo**: a metodologia do discurso do sujeito coletivo. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004a.

MENEGHETTI, A. **A feminilidade como poder, sexo, graça**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004b.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **A feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

PREHN, D. R. Presença feminina na microempresa: de empregada a empresária. In: NERY, M. S. (org.) **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. v. 1. Porto Alegre: Edipucrs. 2004, pp. 53-72.

SAFFIOTI, H. I.B. O trabalho da mulher no Brasil. **Revista Perspectivas**, São Paulo, v. 5. p. 115-135, 1982. Disponível: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1804/1457>. Acesso em: 24 de ago. de 2019.

SPANHOL, C. I. D. **Fazer-se pessoa: a evolução pessoal de mulheres de meia idade acadêmicas do bacharelado em Ontopsicologia**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Ontopsicologia). Faculdade Antonio Meneghetti. 2019.

VIDOR, A. et al. **Uma nova pedagogia para sociedade futura: princípios práticos**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.